

A GRAFIA DO GLIDE [W] DE DITONGOS FONÉTICOS, FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS EM TEXTOS DE ESCRITA INFANTIL

NATHALIA VITÓRIA REINEHR¹; LORENZO STEINHORST RICHETTI²; LISSA PACHALSKI³; ANA RUTH MORESCO MIRANDA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – nathaliavreinehr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – lorenzo.richetti@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – pachalskil@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, vinculado ao Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE/UFPeL), tem como objetivo mapear e investigar a grafia das formas realizadas foneticamente pelo glide [w] em verbos e nomes no Português Brasileiro (PB), representadas pelos grafemas <l> e <u> em ditongos fonéticos, fonológicos e morfológicos. A pesquisa é uma contribuição aos estudos desenvolvidos pelo GEALE, que realiza desde 2001 pesquisas sobre aquisição da linguagem escrita, buscando descrever o processo e apontar as tendências encontradas durante o desenvolvimento da escrita infantil na alfabetização.

A escrita infantil é um instrumento que permite ao pesquisador analisar as pistas do processo de aquisição fonológica deixadas pelas crianças. Assim, os erros produzidos pelas crianças são elementos reveladores das hipóteses construídas por elas sobre o funcionamento de sua língua e também sobre a escrita, revelando, portanto, conhecimentos que são mobilizados por elas durante a aquisição da escrita (PACHALSKI; MIRANDA, 2019).

Para compreender o objeto de estudo desta pesquisa, é preciso compreender o fenômeno dos ditongos decrescentes. Segundo BISOL (1989), os ditongos decrescentes verdadeiros, ou fonológicos, são aqueles que possuem existência nos níveis fonético e fonológico, como em ‘pauta’ e ‘cauda’, por exemplo. Já os ditongos fonéticos, ou falsos, podem possuir existência apenas no nível fonético, com a semivogal sendo produzida na fala sem que haja correspondência no nível fonológico, como em ‘p[ej]xe’ e ‘p[ow]co’ que alternam com ‘p[e]xe’ e ‘p[o]co’, sem afetar o significado das palavras. Dessa forma, fica evidente as diferenças entre os ditongos por conta das distintas representações no nível fonológico. Ainda assim, a semivogal dorsal é grafada por <u> ou <l> na escrita nos dois tipos de ditongos mesmo que não manifestada no nível fonológico, o que pode causar dificuldades aos alunos durante o processo de alfabetização.

Além dos ditongos fonológicos e fonéticos, como em [‘paw.ta] e [‘pow.ko], respectivamente, há também o caso dos ditongos morfológicos. O ditongo morfológico é aquele que tem influência da morfologia na sua constituição por pelo fato de o glide [w] corresponder à desinência número pessoal, nas formas flexionadas dos verbos de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, grafado sempre por <u>, como em ‘passou’ e ‘comeu’. Assim, a semivogal se mostra em um lugar de interface entre a fonologia e a morfologia. Dessa forma, fica evidente que as categorias de ditongos decrescentes são estruturas diferentes com certas particularidades mas com a realização fonética do glide [w] em comum.

A partir do último trabalho (REINEHR et alii 2020) elaborado sobre a grafia de formas realizadas pelo glide [w] em nomes, este trabalho busca retomar a pesquisa

exploratória iniciada e ampliar a análise acerca do objeto de estudo. Este trabalho buscará, portanto, mapear as grafias de <l> e <u> em ditongos fonéticos, fonológicos e morfológicos de nomes e verbos, retomando as discussões sobre o assunto e ampliando o seu escopo.

2. METODOLOGIA

Para este estudo foram analisados 143 textos pertencentes ao estrato 3 do Banco de Textos de Aquisição de Linguagem Escrita (BATALE), o banco de textos do GEALE. O BATALE possui atualmente mais de 7 mil textos de crianças em fase de alfabetização e textos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) distribuídos em 9 estratos. Os textos são na sua maioria escritas espontâneas e ditados coletados por bolsistas do grupo em escolas públicas e particulares das cidades de Pelotas e Porto Alegre, no Brasil, e Porto, Lisboa e Maputo, em Portugal e Moçambique.

A pesquisa baseia-se em dados do estrato 3, composto por textos espontâneos coletados em 2009 em uma escola pública da cidade de Pelotas. Foram analisados 631 dados de grafias de ditongos fonéticos, fonológicos e morfológicos grafados por <u> e <l> e realizados foneticamente pelo glide [w] em textos de crianças de 1ª a 3ª série do Ensino Fundamental.

A organização dos dados levou em conta as seguintes variáveis: 1) tipo de ditongo; 2) a grafia de <u> e <l>; 3) número de acertos e erros; 3) série escolar; 4) classificação morfológica da palavra entre nome e verbo; e 5) estratégia utilizada pelo aluno para grafar o erro. Dessa forma, o escopo da pesquisa abordou dados da grafia de <l> e <u> medial e final realizados foneticamente pela semivogal em ditongos fonológicos, fonéticos e morfológicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa da pesquisa foram analisados 631 dados extraídos de 143 textos do estrato 3 do BATALE. Os dados foram classificados de acordo com erros e acertos, com o contexto para grafia de <u> e <l> medial e final, sua classificação do tipo de ditongo e sua distinção morfológica entre nome e verbo. A Tabela 1 a seguir apresenta a distribuição dos 60 dados referentes à grafia de formas fonológicas realizadas pelo glide [w] de nomes.

Tabela 1: distribuição total de dados de nomes

	Acertos	Erros		Total dados
			estratégias preferenciais	
//	posição medial 12 dados	posição medial 7 dados	substituição <l> por <u> 7 dados	19 dados
	posição final 8 dados	posição final 4 dados	substituição do <l> por <u> 2 dados	12 dados
			substituição do <l> por <r> 2 dados	
	posição medial 19 dados	posição medial 10 dados	omissão do <u> 10 dados	29 dados

/ u /	posição final 0 dados	posição final 0 dados	-	0 dados
-------	--------------------------	--------------------------	---	---------

Os resultados apresentados na Tabela 1 mostram que há uma certa igualdade na distribuição dos dados analisados em relação às grafias de <u> e <l> com 29 e 31 dados, respectivamente. A distribuição percentual de erros também é similar nas grafias de <l> medial, <l> final e <u> medial em nomes, correspondendo a 36,8%, 33,3% e 34,5%, respectivamente. Ainda que os percentuais sejam similares, as estratégias utilizadas pelas crianças para grafar os erros em cada palavra se mostraram diferentes na amostra. A análise dos 21 erros encontrados na escrita de formas nominais permitiu observar que a substituição do <l> por <u> foi a estratégia predominante utilizada pelas crianças na grafia do <l> medial e final enquanto, dentre os erros na grafia do <u>, a omissão do <u> se destaca como a estratégia utilizada.

Já para a escrita dos ditongos morfológicos, grafados com a desinência -u, foram analisados 571 dados. Um ponto relevante a ressaltar é que os ditongos morfológicos representam a maioria da amostra analisada. Dentre esses dados, 450 foram acertos, totalizando 78,8% da amostra total da verbos. A Tabela 2 a seguir apresenta a distribuição dos erros na grafia dos verbos de acordo com a série e as estratégias utilizadas pelos alunos.

Tabela 2: distribuição dos erros na grafia de ditongos morfológicos

	1ª série	2ª série	3ª série
Omissão do <u>	13 dados (51,16%)	21 dados (50%)	20 dados (36,36%)
Substituição do <u> por <l>	3 dados (12,5%)	14 dados (33,3%)	24 dados (43,64%)
Substituição do <u> por <o>	5 dados (20,84%)	4 dados (9,5%)	11 dados (20%)
Substituição do <u> por <m,n>	3 dados (12,5%)	3 dados (7,2%)	0 dados (0%)
Total de dados por série	<u>24 dados</u>	<u>42 dados</u>	<u>55 dados</u>

Dentre os erros na grafia dos ditongos morfológicos, a omissão do grafema <u> encerra o maior número de erros totais, com 54 dados. Ainda que a monotongação dos verbos seja a estratégia predominante nos erros, nota-se que a substituição do grafema <u> por <l> apresenta um número considerável da amostra, com 41 dados. Assim, as duas estratégias mencionadas apontam a dificuldade dos alunos na grafia do glide [w] em ditongos, visto que, no caso dos ditongos morfológicos, além de haver uma complexidade no nível segmental, relacionada à coda e ao estatuto silábico, há também complicadores no nível morfológico por se tratar de verbos e prosódico no que diz respeito à realização fonética da semivogal.

Segundo MIRANDA (2020), os erros (orto)gráficos podem ser analisados em três categorias: 1) fonológicos, referentes à complexidade segmental e prosódica; 2) ortográficos, ligados às dificuldades envolvendo as relações múltiplas arbitrarias e contextuais do sistema; e 3) fonográficos, referentes ao traçado, sequenciamento,

omissão e inserção. Na análise dos dados, notou-se que as estratégias de substituição de <u> por <l> e por <o> apresentavam uma parcela alta dos erros, representando 33,9% e 16,5%, respectivamente. Nos dois casos as crianças aparentam estar operando com a supergeneralização de regras que, nesse caso, regulariam o uso de <l> em posição final de sílaba arbitrariamente e o grafema <o> que é definido contextualmente no final de palavra. Dessa forma, os erros onde as crianças substituem <u> por <l> ou <o> em ditongos morfológicos tem uma motivação fonológica no que diz respeito aos aspectos segmentais e prosódicos já mencionados. Ainda assim, esses erros também parecem mostrar que há uma motivação ortográfica envolvida, já que os alunos operam com a supergeneralização de regras, fenômeno que envolve a aprendizagem de regras ortográficas e a consequente aplicação sistemática de tais regras aprendidas.

Outro aspecto que parece corroborar com a motivação ortográfica para erros envolvendo a supergeneralização é a distribuição dos erros dessa estratégia nas turmas. A estratégia de substituição do <u> por <l> correspondeu na amostra à 12,5% dos erros da 1ª série, 33,3% da 2ª série e 43,64% dos erros da 3ª série. Assim, essa distribuição mostrou que houve um aumento na porcentagem dessa estratégia nos erros à medida as séries passaram. Como a supergeneralização é um fenômeno esperado no processo de escolarização já que trata dos alunos operando com regras ortográficas, o aumento nos índices, à medida que a escolarização avança, mostram que parece haver uma motivação ortográfica nos erros nos ditongos, além da motivação fonológica.

4. CONCLUSÕES

A partir da pesquisa realizada, foi possível fazer um levantamento de dados de escrita inicial de ditongos fonéticos, fonológicos e morfológicos grafados por <l> e <u> e realizados pelo glide [w], bem como abordar as diferenças entre eles. Foi possível também abordar o questionamento referente a erros de substituição de <u> por <l> ou <o> encontrados nos textos infantis em ditongos morfológicos terem motivação apenas fonológica ou ainda se os dados apontariam para uma influência ortográfica. Essa segunda pesquisa da grafia de <u> e <l> realizados foneticamente pelo glide [w] sugere a continuidade de estudos, já que levanta algumas questões que demandam um aprofundamento na análise de dados e da grafia dos ditongos decrescentes realizados na fala pela semivogal dorsal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MIRANDA, A. R. M. As sílabas complexas: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.16, n.2, p.3825-3848, abr./jun., 2019.
- MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. *Educ. rev.* [online]. 2020, vol.36, e221615. Epub Jan 31, 2020.
- PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. Conhecimento fonológico na aquisição da escrita: um estudo sobre os erros (orto)gráficos em textos de crianças do Ciclo de Alfabetização. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v.17, n.33, p.137-160, 2019.
- REINEHR, N. V.; RICHETTI, L. S.; PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. A grafia de formas realizadas pelo glide [w] em não-verbos: uma análise a partir de dados de crianças em alfabetização. In.: XXIX Congresso de Iniciação Científica UFPEL, 2020, Pelotas. **Linguística, Letras e Artes**, 2020.